Cancro Sonho com renhidas batalhas microscópicas

Conto de não-ficção Na parede de um corredor do IPO, um cartaz informou-nos de que estávamos no Outubro Rosa. Passaste por ele como se não fosse nada contigo. "Talvez para o ano que vem, ou no outro", disseste. "Noutro Outubro qualquer"

Por Paulo Faria

Sonho com renhidas batalhas microscópicas, exércitos de células a desembarcar numa praia amarela, diante das altas muralhas de uma cidade. Esta minha *Ilíada* passa-se no teu corpo, no gânglio sentinela da tua axila direita, e os sitiados vencem, escorraçam os intrusos. Não há no meu sonho a argúcia de Ulisses, não há cavalo de Tróia.

O cirurgião mandou-te despir da cintura para cima e puxou um biombo com rodas para vos ocultar a meus olhos, a ti e a ele. Desviei o rosto, incomodado por outro homem dispor assim de ti. Também nos modos dele perpassou um ligeiro incómodo, um vago constrangimento de fundo que os anos de experiência não conseguiram dissipar. Mais tarde brinquei com a situação, disse-te que a tua doença não passa de um embuste, é uma conspiração dos médicos para te verem as mamas, tão belas. Disse-te que eles estão todos coligados e passam palavra uns aos outros. E que tu, tão ingénua, cais sempre na esparrela. Fiz-te rir e passei aquele dia ocupado a repetir e a adornar o gracejo, sabendo que no dia seguinte já não teria piada e que seria preciso começar tudo de novo para te distrair.

A própria expressão, "gânglio sentinela", evoca guerras e cidades sitiadas. Os romanos matavam à paulada as sentinelas que adormeciam no seu posto. Eram os camaradas do faltoso que executavam a sentença, como quem pune uma traição. Quando recebeste a notícia, disseste-me que sentias que o teu corpo te tinha traído. Nos primeiros tempos do nosso amor disseste-me uma vez: "Sou muito saudável." Como se dissesses: "Sou de confiança, não te vou deixar ficar mal. Não serei um peso para ti." Mas agora o teu corpo traiu-te, o gânglio sentinela adormeceu no seu posto. O teu próprio corpo ameaça tornar-se um peso para ti, ameaça reger toda a tua existência. Ameaça escravizar-te. Disseste-me: "Não quero passar a ser uma daquelas mulheres que arrastam consigo um fardo, um apêndice a ocupar espaço, a incomodar toda a gente com a sua presença: 'Eu e o meu divórcio.' Ou: 'Eu e os meus cães.' No meu caso vai ser: 'Eu e o meu cancro.' Não quero isso. Quero continuar a ser só eu." Disseste-me que não te compenetraste realmente do diagnóstico quando ouviste a palavra "cancro" da boca dos médicos.

A palavra "cancro" era um caroço de fruta, uma grainha que cuspias para a palma da mão antes de a deitares no prato. Só acreditaste mesmo que tinhas um cancro quando leste o diagnóstico numa carta do IPO: "Carcinoma invasivo, com padrão de crescimento de tipo lobular." Resististe à palavra "cancro" enquanto pudeste, só cedeste quando já não havia como a repelir, e então recuaste para a trincheira da segunda linha. Vais dinamitando tudo à medida que bates em retirada. Não deixas ao cancro nada de que possa alimentar-se.

O carteiro

O carteiro perdera há muito a importância, tornara-se uma figura obsoleta, pitoresca. Semanas a fio, ignorávamos a caixa de correio. De súbito, o carteiro tornou-se outra vez o carteiro de antigamente. Toca à porta por volta das onze da manhã, meio-dia. Sei que é ele, porque toca para vários andares, faz soar as campainhas do prédio em cânone. Carrego no botão do trinco, ouço-o a entrar no prédio, fico à escuta do ruído abafado das cartas a deslizarem nas ranhuras. Espero que ele saia e desço logo, a verificar se há alguma carta do IPO. O teu cancro tornou-me mais grave, menos ligeiro. Já não posso fazer

DR

de conta que o carteiro não existe. Já não posso fazer de conta que o teu corpo é perene, que o tempo não passa por ti, que não ardes em lume brando como toda a gente.

As mãos tremeram-te na primeira consulta com o cirurgião do IPO. Fizeste-me lembrar uma iraquiana sunita da tua idade que vi num documentário sobre a guerra contra o Estado Islâmico. Os soldados da milícia xiita entraram em casa dela e a câmara filmou-a de pé, no meio da sala, rodeada pelos filhos, a segurar nas mãos uma grande bandeira branca improvisada com um lençol, e as mãos tremiam-lhe, convulsas, como as tuas, e a voz ficou-lhe presa na garganta, assim como a tua quando perguntaste se te iam tirar o mamilo. O cirurgião disse que não. Tranquilizou-te, assim como os soldados xiitas tranquilizaram aquela mulher: "Não tenha medo, minha senhora. Não tenha medo." Pareceste momentaneamente indefesa. Recompuseste-te, incomodada por teres cedido ao pânico, perguntaste-lhe quando é que vais ser operada. Ele não sabia a data, ainda era cedo para isso. Aquela foi só a primeira consulta, era preciso esperar pela carta com a marcação da consulta "para decisão cirúrgica". Mas ele disse que o teu tumor é pequeno, que cresce devagar. "Num ano, cresce um milímetro, se tanto." Agora, no meu sonho, a cidade de altas muralhas deixou de ser o gânglio sentinela, passou a ser o tumor, na areia amarela desembarca o teu exército de células. Precisamos novamente da argúcia de Ulisses, precisamos do cavalo de Tróia. A cidade expande-se aos poucos, há quem construa casas encostadas à muralha, do lado de fora. Um milímetro por ano.

Rebuçados e turbantes

Dois auxiliares vestidos de branco, um homem e uma mulher, entraram na sala de espera do IPO com um carrinho de comes e bebes gratuitos, perguntaram às pessoas se queriam chá, café ou laranjada. O homem foi de lugar em lugar, a distribuir rebuçados, dois a cada pessoa, como se fôssemos crianças numa festa de aniversário. O cancro, como todas as doenças, procura infantilizar-nos para melhor nos subjugar. Recusaste delicadamente, não estavas preparada para te confundir com os outros doentes, que desembrulharam um dos rebuçados com um crepitar translúcido antes de o meterem na boca e guardaram o outro no bolso ou na malinha. Aquele chá e aqueles rebuçados são um ritual iniciático. Haverá tempo para isso, quando todos os outros caminhos estiverem tapados.

Há mulheres carecas, com turbantes de marajás. Há um homem com um tubo em volta do rosto, numa curva arrojada. Dir-se-ia o fio de uns auscultadores para ouvir música, mas depois reparo melhor e é um tubo transparente a sair-lhe do nariz, colado com adesivo. Há uma mulher com uma pala de gaze a tapar um olho. Há pessoas com estranhas válvulas na garganta, como se fossem latas de abertura fácil. Há os corpos expostos, devastados. Entro neste estranho mundo com cautela, pé ante pé, sentindo que sou posto à prova. Não sei onde pousar os olhos, não sei como olhar estas chagas. De noite, não sei o que sonhar acerca destas pessoas, não sei que histórias compor para as resgatar do sofrimento. Tento aprender com estes padecentes a melhor maneira de lidar com o que aí vem, observo-os discretamente em busca de sorrisos, espio a maneira como os cônjuges, sentados ao lado dos cancerosos, lhes falam, procuro que não me escapem os gestos de carinho mútuos. Tu caminhas entre eles como se fosses um viajante estrangeiro longe de casa, num país cuja língua não domina, alguém que está apenas de passagem, que não se vai demorar.

Na consulta para decisão cirúrgica havia três cirurgiões na sala. O mesmo cirurgião da primeira consulta, sessenta e tal anos, e um rapaz e uma rapariga, muito novos. O consultório era o mesmo da outra vez, acanhado, com um lavatório a um canto. O cirurgião tornou a mandar-te despir da cintura para cima, tornou a puxar o biombo rolante. O biombo era forrado de um tecido azul, vi-te a cabeça a assomar acima do rebordo, como no caminho de ronda de uma barbacã. Não me ocorreu nenhum novo gracejo para guardar na memória e, mais tarde, amenizar o sucedido. A rapariga olhou para o ecrã do computador e disse: "A biópsia foi a dez de Maio, não foi?" Entreolhámo-nos, disseste "não sei ao certo", eu disse-te "vê nos papéis". Tiraste da mala uma capa de cartão, abriste-a. Atirados lá para dentro, sem ordem alguma, estavam os exames médicos, as requisições, as cartas, a papelada toda da tua doença. Não havia espaço na secretária exígua para pousares a capa, assentaste-a nos joelhos, começaste a revirar as páginas, uma folha deslizou para o chão, outra amachucou-se. O cirurgião mais velho disse-te: "Deixe estar, não é preciso, nós temos esses dados, a data no computador está certa." Atrapalhaste-te ainda mais, caiu outro papel, apanhei-o do chão, acabaste por dizer: "Está aqui." A data no computador estava errada, a biópsia fora mais de um mês antes. Quando saímos do consultório, disse-te que tínhamos de ir a uma papelaria comprar uma capa de micas, para organizar os documentos, arrumá-los por ordem de datas. Respondeste-me que não, que te entendias bem assim, que não querias "capa de micas nenhuma". Irritei-me, discutimos. De noite, estendido na cama, percebi o que quiseste dizer. Organizares os papéis, categorizá-los cuidadosamente, seria cederes à chantagem, seria jogares o jogo do inimigo. Um homem que esteve nas mãos do nazi Klaus Barbie (1913-1991) diz no documentário de Marcel Ophüls que, quando a tortura começou, decidiu não dizer nada, nem sequer o nome. A primeira cedência que fizesse acarretaria todas as outras. Se tentasse criar de raiz uma mentira elaborada, tinha a certeza de que acabaria por se enrodilhar nela, perdendo o fio à meada. Também tu te recusas a dar um passo que seja ao encontro do cancro. Também tu te recusas a inventar uma história que albergue o cancro, onde ele se mova, de que ele seja protagonista. Admira-me até que guardes na capa de cartão os papéis do IPO, que não os deixes perdidos pela casa, no meio dos jornais velhos, que não os deites fora. Amarrotados numa amálgama confusa, parecem tijolos e destroços numa ilusória barricada de rua.

Uma grainha de uva

No fim da consulta, assinaste um termo de responsabilidade a dar-lhes o direito de vida e de morte sobre as tuas células, a confiar-lhes o direito de delimitar a parcela de ti que se tornou nociva e que é preciso extirpar. Só então, disseste-me depois, te compenetraste de que ias ser operada, apesar de já to terem dito várias vezes. Não cedes ao cancro um só palmo de terreno sem uma luta feroz. Desconfias de tudo o que te dizem. Se o teu próprio corpo te traiu, então tudo te poderá trair. O mundo deixou de ser um lugar seguro. Um tumor do tamanho de uma grainha de uva, mais pequeno, até, pode matar-te. Vasculhas o passado em busca de presságios que te poderão ter escapado, que te escaparam, certamente. Vasculhas o presente em busca de presságios que iluminem o que vai acontecer doravante, que te orientem nas escolhas que tens de fazer. Procuras sinais tranquilizadores, uma progressão lógica, bóias de sinalização, relações de causa e efeito entre acontecimentos à primeira vista díspares, como faziam os antigos. Como todos os guerreiros, tornaste-te supersticiosa.

> *Não cedes ao cancro um só palmo de terreno sem uma luta feroz. Desconfias de tudo o que te dizem. Se o teu próprio corpo te traiu, então tudo te poderá trair. O mundo deixou de ser um lugar seguro*

Na consulta de enfermagem, quinze dias depois, a enfermeira olhou para o ecrã e tornou a dizer a data errada da biópsia, dez de Maio. O erro persiste, ganhou vida própria, como o tumor. O tumor são células transviadas, enlouquecidas, comandadas por um programa informático defeituoso. O tumor é um exército nazi, não se pode negociar com ele, só há duas alternativas, resistir ou colaborar. Disseste "não, essa data está errada", tornaste a repor a verdade distraidamente, quase por desfastio, como quem emenda um avô senil ou um interrogador mal-intencionado que nos quer incriminar a todo o custo.

Numa carta do IPO, comprometeram-se a operar-te no prazo de quarenta e cinco dias a partir da data da última consulta. A enfermeira disse que te iam telefonar numa quinta-feira, quase de certeza. Passo as quintas-feiras em sobressalto. Quando o teu telemóvel toca, apresso-me a pegar-lhe e atravesso a casa a correr para to levar. O telefonema não acontece. Passa-se um mês, depois um mês e uma semana. Sento-me à mesa contigo e, com ar solene, digo-te que o tempo está a passar, que tens de procurar outra solução, outro hospital onde as coisas aconteçam mais depressa. Abstenho-me de parecer um arauto da catástrofe, conheço bem o valor das palavras de uma qualquer Cassandra. Como os antigos, acreditarás nos presságios que te agradarem, e só nesses. Não falei em células cancerígenas, não falei em gânglios, não aludi aos meus sonhos, cada vez menos optimistas. Falei apenas no tempo que corre, nos dias que se sucedem. Respondeste-me que não, cortaste-me a palavra. Não vais recorrer a outro hospital, preferes esperar pelo telefonema do IPO, que há-de chegar numa quinta-feira qualquer. Levantaste-te e saíste da sala.

Quando os cimbros e os teutões invadiram a Itália, massacraram várias legiões que lhes saíram ao caminho em campo aberto. Os soldados romanos entraram em pânico perante a horda bravia. O cônsul Mário, enviado *in extremis* para salvar a situação, entrincheirou-se com as suas tropas. Os bárbaros, altos e cabeludos, autênticos gigantes, desfilaram diante dos baluartes, a soltar urros estridentes que rasgavam os ares e faziam tremer os corações latinos. Desafiaram os romanos a lutarem como homens, a não se esconderem como cobardes, insultaram-nos, troçaram deles. Eram povos em marcha, com mulheres e filhos, carros de bois, demoraram vários dias a passar. Quando a poeira dos bárbaros assentou, Mário levantou o acampamento entrincheirado, perseguiu-os e massacrou-os até ao último. Os legionários tinham-se habituado aos berros guturais, às cabeleiras, às tatuagens, tinham perdido o medo.

Por enquanto aguardas, atrás do teu baluarte, que a horda vagarosa passe. Não te podes precipitar. Para um exército bisonho, a ofensiva pode ser fatal. Esperarás o tempo que for preciso. Deixarás que eu me aflija, que eu me esfalfe, que eu esbraceje sem razão. Deixarás que eu te dirija súplicas, que eu vista a pele do homem racional. Deixarás que os meus sonhos se ramifiquem inutilmente. Deixarás que eu conceba enredos complexos e epílogos felizes ou sombrios. Quando o telefone tocar, daqui a um mês, dois meses, seis meses, daqui a meio milímetro, se preciso for, estarás preparada.

Outubro de 2019

paulo.almodovarfaria@gmail.com